

Hans Prayon \*

**P**ela primeira vez em muitas décadas, nosso país conhece um período de estabilização, sem sobressaltos de choques, congelamentos ou confiscos. O Plano Real, além de debelar o surto inflacionário e recuperar o poder de compra da moeda, ainda teve o mérito de devolver a esperança e a autoestima ao povo brasileiro.

Embora reconheçamos que finalmente o País vive sob a égide de uma economia de mercado, é forçoso

constatar que persistem algumas barreiras que impedem o pleno desenvolvimento das forças produtivas. Principalmente o custo Brasil, esse conjunto de fatores negativos que impede a expansão da economia, limitando a competitividade de nossos produtos.

Porque a abertura econômica, inevitável, dada a globalização da economia, expôs a empresa brasileira a uma competição a que não estava habituada, mostrando sua vulnerabilidade. No caso concreto da indústria têxtil e de outros segmentos,

como eletroeletrônicos, ferramentas, brinquedos ou produtos de consumo, passaram a competir com países que praticam um descarado "dumping" social.

Temos a invasão de artigos importados – ou até contrabandeados – por preços que os fabricantes nacionais não têm condições de alcançar.



A nova realidade é boa para os consumidores, que agora têm mais opções de compra. Para as empresas nacionais, a concorrência também mostrou sua face salutar.

A produtividade delas cresceu 45% nos últimos seis anos, de acordo com dados oficiais. Temos hoje mais de 1.800 empresas brasileiras certificadas pelas normas ISO, o que nos eleva para figurar entre os dez melhores no ranking mundial da qualidade.

Esse quadro, no entanto, mostra-nos um incrível paradoxo. A abertura e a esta-

Para que estejamos prontos a competir com as grandes potências internacionais, temos que reformar o Brasil. Precisamos de reformas na Constituição (políticas fiscal e tributária, legislação trabalhista e previdenciária), nos sistemas educacional e de saúde, na distribuição de renda, nas rodovias, nos portos e nas empresas.

Todos temos que fazer a nossa parte, pensando globalmente e agindo localmente. Porque Blumenau está inserida nesse grande contexto, é preciso também fazer rapidamente nossas reformas.

A nova diretoria da Associação Comercial e Industrial de Blumenau tem claros os pontos que serão suas bandeiras na luta pelo desenvolvimento econômico da cidade nos próximos dois anos:

- desverticalização das grandes empresas;
- aperfeiçoamento das leis trabalhistas;
- formulação de uma estratégia econômica para a cidade e a região;
- criação da Região Metropolitana;
- estímulo à expansão do setor terciário (turismo, software e eletroeletrônica);
- incentivo à parceria e cooperação entre as empresas, fortalecendo suas entidades de classe;

- aproximação entre as empresas e a universidade;
- intensificação de intercâmbio com outros países;
- aproveitamento, ao máximo, do potencial do Mercosul; e
- incentivo junto aos jovens do espírito empreendedor.

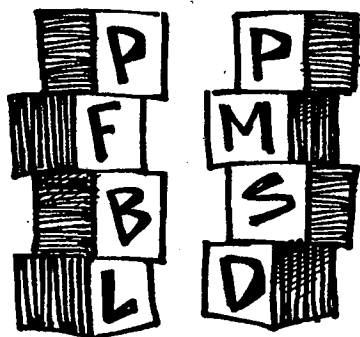
### A estabilização e a ampliação do consumo levaram o País a uma economia de mercado

Dessa forma, unindo as três pontas do triângulo econômico – empresários, trabalhadores e poder público –, agindo acima dos interesses pessoais ou partidários, podemos fazer um amplo pacto pela retomada do desenvolvimento econômico de Blumenau e de todo o País.

Quebrar esses paradigmas e construir uma nova realidade não é tarefa de um só homem ou de um grupo de homens. É trabalho para toda uma nação. Por isso, cada um de nós deve tornar-se, a partir de hoje, um soldado em luta por essa causa. Pela causa de um Brasil melhor e mais justo para todos. ■

\* Presidente da Associação Comercial e Industrial de Blumenau, cônsul da Alemanha em Blumenau e vice-presidente da Hering Têxtil.

BRINCANDO DE APROVAR REFORMA, FILHO? QUERO VER VOCÊ DESEMBARALHAR TUDO DE NOVO!!



NOVAIS 97



### A abertura lançou a empresa brasileira numa competição a que ela não estava habituada

bilização ampliaram o mercado de consumo, introduziram o País no regime de uma economia de mercado, obrigaram as empresas a se tornar mais competitivas, mas não ampliaram as facilidades para as organizações fazerem frente a esse novo cenário.